

programação da cinubiteca

www.labcom.ubi.pt/cinubiteca

universidade da beira interior

licenciatura em cinema

23 | março | 04

ciclo { filmes de culto }*

reservoir dogs

1992 . EUA . 99'

realização

Quentin Tarantino

argumento

Quentin Tarantino

Roger Avary

fotografia

Andrzej Sekula

supervisão musical

Karyn Rachtman

montagem

Sally Menke

com

Harvey Keitel

Tim Roth

Michael Madsen

Chris Penn

Steve Buscemi



> **Engenho narrativo.** Tarantino gosta de contar histórias. Percebemos isso logo neste primeiro filme. E nos filmes seguintes. Ou em qualquer entrevista com o realizador. A arte de narrar não é algo simples, não é uma faculdade democrática. Será um privilégio, uma vocação. Tarantino, cinéfilo de videoclipe, sabe bem que parte da força histórica do cinema lhe vem da sua capacidade para engendrar ilusões, manipular expectativas, surpreender ou desconcertar (as dedicatórias a Corman ou Godard são, de modo diverso, ilustrativas disso mesmo). Intrínsecos a toda a boa ficção estão o artifício e o engano: a verdade da mentira. Tarantino sabe que mais que o conforto, o espectador premeia a provocação. “Reservoir Dogs” é um filme narrativamente provocador. Recorrendo ao *flashback* faz a história recuar e abrandar para não nos empurrar logo para o precipício. Começa a história a meio. Acaba no momento certo: um, dois, três, quatro tiros e um ecrã negro fazem ecoar no espectador a tristeza, a dor e a traição.

> **Pop.** O filme começa com a exegese de um hino pop: “Like a Virgin”. Há no filme muito de cultura popular. Tarantino não é um erudito, não pretende sê-lo. Mas lida com inegável destreza com imagens, figuras, factos do vasto caldeirão de cores, narrativas, sensações que a cultura urbana do século XX cozinhou. A vibração é *funky*, a atitude é *cool*, alheia à gravidade do mundo, ao mesmo tempo próxima da convicção e da presunção. Com a música dos anos 70 desenha o tom e o ritmo do filme. Com as referências a Lee Marvin ou Charles Bronson, duros entre os duros, cria um jogo de espelhos para os seus personagens, presta-lhes tributo e tipifica a sua iconofilia – onde cabem também, entre outras coisas, o *film noir*, o *western-spaghetti*, o cinema oriental ou os *comics*.

exibição

23 | março | 04

17h00

cinubiteca

{anf.1}



> **Calão.** Os personagens de “Reservoir Dogs” falam muito. Gritam, ironizam, reclamam, reivindicam, comprometem-se. Não é uma linguagem polida. Pelo contrário: é a linguagem do *gang*, da rua, do *underground*. Chega a ser hilariante. Pode também ser irritante. Um diálogo pode ser um número de circo ou um estudo sobre as texturas, os timbres, os ritmos do discurso. Os personagens disparam as palavras com a mesma destreza – muito masculina, heróica e nostálgica – com que sacam as armas. Contam histórias, muitas. Nenhuma particularmente edificante. Algumas raíam o absurdo. Percebe-se que Tarantino adora jogos de linguagem. Há pessoas assim: usam o verbo como um trapézio.

> **Mundo de homens.** Estes personagens vivem da virilidade, do cerimonial (basta atentar na encenação dos tiroteios), da pose (basta atentar no genérico). Não vamos ser excessivos e dizer que perpassa no filme um sentimento anti-feminista. Se calhar está lá, involuntário, inconsciente, não se sabe. Não há personagens femininas, isso sabemos. Como diria James Brown, “this is a man’s world”. Não um mundo de insensibilidade. A ser assim, não haveria o apego, a traição, a irreversibilidade, no fundo a tragédia, que é a chave moral do filme. Há vários modelos de homem, e algo que os une – talvez a honra, o laço que estreita qualquer agrupamento humano, como o sabemos de outras histórias de *gangsters*, polícias ou exércitos. Aqui, uma vida pode não valer mais que uma bala, mas uma morte pode simbolizar a integridade da justiça – como o sabemos no final.

> **Violência.** “Reservoir Dogs” é um filme violento, sem dúvida. Nem durante, nem depois do filme é fácil o apaziguamento. Pensemos na cena emblemática do filme, a “cena da orelha”. Para o espectador, a violência é aqui do domínio do intolerável, do inaceitável, do invisível mesmo. Prefere a cegueira, vira o olhar, força a ignorância para se proteger. O espectador não quer ver, e no entanto não consegue deixar de ver aquilo que não lhe é mostrado: mesmo se Tarantino esconde, a imagem de violência fica, de modo inapelável, gravada na mente.

> **Inesquecível.** Entre outras coisas, deste filme ficam na memória: a elegância (foto)gráfica do filme; o contraste entre o negro dos fatos e o vermelho do sangue; a alusão, na cena final, a um arquétipo figurativo do imaginário ocidental: Mr. Orange nos braços de Mr. White, émulo da *pieta*, do Cristo moribundo no aconchego materno; a densidade dramática conseguida em longos planos que, através do tempo real, nos permitem captar o detalhe mais subtil de cada gesto ou expressão; o virtuosismo de um elenco invejável. Suficiente para fazer de “Reservoir Dogs” filme de culto e de Tarantino nome incontornável da cinematografia recente. <

próxima sessão

24 | março | 04
17h00 > cinubiteca
{ anf.1 }

The Big Sleep
À beira do abismo
{ cinema mainstream }

* { A programação deste ciclo é da responsabilidade de Luís Nogueira }